



GT 041. Islã e suas interfaces no Brasil e no mundo

Francirossy Campos Barbosa (USP) -
 Coordenador/a, Sonia Cristina Hamid (Instituto
 Federal de Brasília) - Coordenador/a, Paulo Gabriel
 Hilu da Rocha Pinto (Universidade Federal
 Fluminense) - Debatedor/a

O Islã é uma das religiões que mais cresce no mundo, tendo, inclusive, forte presença em países ocidentais. Apesar disso, ele segue sendo ideologicamente construído de modo orientalista, visto como uma religião exótica e retrógrada, além de uma ameaça a um suposto ordenamento secular ocidental. De modo a superar uma visão essencialista e homogênea do Islã e de seus praticantes, buscamos o diálogo com pesquisadores que vêm se dedicando a investigações sobre esta religião em suas variadas intersecções com questões nacionais, econômicas, étnicas, raciais, geracionais, de classe, de gênero e/ou de instrução. Da mesma forma, buscamos abordagens que mostrem as relações entre fenômenos globais e locais e que apontem, por exemplo, de que modo eventos políticos que ocorreram ou vêm ocorrendo em países com populações de maioria muçulmana – primavera árabe; radicalização de grupos religiosos; guerras civis em países como a Síria; deslocamentos populacionais – influenciam as percepções e as vidas de homens e mulheres muçulmanos de diferentes maneiras, globalmente. Aceitamos tanto propostas que abordem estas questões a partir de perspectivas exclusivamente teóricas, quanto aquelas que apresentem pesquisas empíricas.

Práticas disciplinares entre os discípulos da confraria sufi Hamdouchiya, Marrocos

Autoria: Bruno Ferraz Bartel

Pretende-se analisar como as práticas disciplinares centradas em rituais e performances tradicionais (dhikrs, qasidas e hadras) da confraria sufi Hamdouchiya, no centro religioso (zawiya) de Safi, sul do Marrocos, são responsáveis pela criação de autonomia religiosa aos sujeitos. A noção de autonomia abarca o objetivo final dos sujeitos, mas também as práticas e condições que possibilitem a construção dos ambientes rituais. A autonomia moral dos sujeitos reflete mais um quadro normativo da Hamdouchiya atual do que a produção de uma diferenciação entre os discípulos, mesmo que ela seja passível de ocorrer em alguns casos. O sufismo, dentro da tradição religiosa do Islã, se define como a busca de uma experiência direta com Deus (Allah). Essa meta é considerada expressão de um longo processo iniciático individual por um caminho ou via mística (tariqa), sob a orientação de um mestre (shaykh). O caminho sufi não consiste apenas em uma trajetória religiosa completamente centrada na relação mestre-discípulo. A base de suas experiências religiosas está centrada nas performances rituais e também na produção de constrangimentos externos, já que cada estado religioso (hal) experimentado pelo indivíduo deve estar de acordo com as doutrinas e práticas transmitidas pelos textos, rituais e ensinamentos orais que compõem as diferentes tradições sufis. A necessidade de avaliação da própria experiência religiosa confere fundamental importância ao shaykh, pois somente os que tiveram uma experiência direta com a realidade divina (haqiqa) podem guiar os outros na busca de Deus. De acordo com a tradição sufi, o conhecimento religioso tem duas dimensões: uma exotérica (zahiri), que deriva da percepção sensorial do mundo material, e outra esotérica (batini), mais próxima da realidade/verdade divina (haqiqa, haqq). Atualmente, a Hamdouchiya não está hierarquicamente estruturada na relação mestre-discípulo em suas zawiya. Decerto, essa característica não possibilita, à primeira vista, enquadrar a produção dessas experiências em termos de relações carismáticas atuantes como as já produzidas anteriormente aos estudos sobre o sufismo, o que não impediu que a transmissão de conhecimentos - tanto exotérico (zahiri), quanto esotérico (batini) - entre os adeptos ocorresse por bases tradicionais. Nelas, práticas disciplinares compartilhadas nas zawiya, como as invocações dos nomes e da presença de Deus

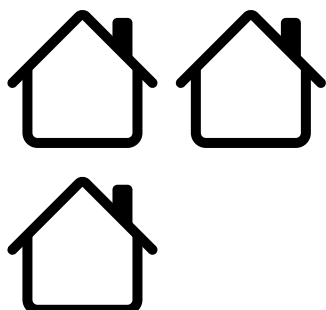


(dhikrs), as recitações dos poemas (qasidas) relativos ao santo (wali) patrono e as sessões rituais (hadras), motivavam a produção dos estados religiosos (hal). A presente etnografia foi construída ao longo de um work de campo no Marrocos entre os meses de outubro de 2016 e setembro de 2017 nas cidades de Sidi ?Ali (Meknes), Fez, Rabat, Safi, Essaouira e Taroudant no Marrocos.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

